

EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UM ESTUDO DO PERFIL DO COMPORTAMENTO FINANCEIRO DE ACADÊMICOS DOS CURSOS DE GESTÃO

Felipe Muhlhausen

Bacharel em Ciências Contábeis pelo Centro Universitário Estácio de Sá

E-mail: felipemuhlhausen@outlook.com

Igor Pereira da Luz

Doutorando em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: i.pereiradaluz@gmail.com

Ronan Reis Marçal

Doutorando em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: m.ronanreis@gmail.com

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar a influência dos cursos de gestão no comportamento de controle financeiro dos estudantes de uma universidade particular do estado de Santa Catarina. Para tal, foi aplicado presencialmente um questionário com discentes regularmente matriculados em uma universidade particular do estado de Santa Catarina. A amostra final foi composta por 550 observações válidas e, diante da análise regressões múltiplas, foi possível inferir que os alunos pertencentes ao grupo de cursos de gestão (administração e ciências contábeis) tendem a ser mais educados financeiramente que os alunos dos demais cursos. As contribuições deste estudo confirmam a tendência de que o contato com conceitos acerca de finanças pessoais favorece a educação financeira do indivíduo, reforçando a necessidade da ampliação de estudos desse âmbito dada a já explicitada deficiência em termos de educação financeira do cidadão brasileiro médio, conforme reportado por pesquisas correlatas.

Palavras-chave: Educação Financeira; Comportamento Financeiro; Planejamento Financeiro; Cursos de Gestão.

ABSTRACT

This study aimed to analyze if the students of management courses have a better financial education than the students of the other courses. To this end, a questionnaire was applied in person with students regularly enrolled in a private university in the state of Santa Catarina. The final sample consisted of 550 valid observations and, considering the multiple regression analysis, it was possible to infer that students belonging to the group of management courses (administration and accounting sciences) tend to be more financially educated than students from other courses. The contributions of this study confirm the tendency that contact with concepts about personal finance favors the individual's financial education, reinforcing the need to expand studies of this scope given the already explicit deficiency in terms of financial education of the average Brazilian citizen, as reported. by related research.

Keywords: Financial Education; Financial Behavior; Financial Planning; Management Courses.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com um levantamento feito pelo Banco Central do Brasil (BCB, 2017) com 2.002 pessoas de todas as regiões do país, apenas 31% dos entrevistados conseguiram poupar alguma parte dos seus rendimentos em um intervalo de 12 meses. Em uma pesquisa similar realizada pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA, 2017), foi revelado que 57% da população das classes A, B e C não investe em nenhum tipo de aplicação, nem mesmo na poupança. Com base nesses recentes estudos, se verifica que a falta de educação financeira atinge todas as classes sociais do Brasil.

A complexidade do sistema financeiro brasileiro, aliada à falta de investimentos das autoridades no que tange à educação financeira, resulta em uma população despreparada para tomar decisões sobre como utilizar seus próprios recursos (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007). Nos últimos anos, o consumo desenfreado vem trazendo diversos problemas – a exemplo da inadimplência do cidadão brasileiro médio – levantando uma reflexão sobre o uso consciente do dinheiro (ANDRADE; LUCENA, 2018).

Segundo Brito (2012), a educação financeira ajuda o cidadão a compreender melhor a economia do país, auxiliando-o a tomar melhores decisões financeiras. O autor afirma ainda que, no Brasil, este tema ainda é pouco discutido no meio acadêmico. Conforme Kivosaki e Lechter (2002), embora este tema seja relevante, ele tende a ser preterido pelas instituições de ensino em função das competências de formação técnica. Isso pode explicar como diversos profissionais altamente capacitados em suas formações podem ter problemas financeiros ao longo da vida.

Apesar de ser um instrumento importante para as pessoas, a educação financeira como disciplina está, geralmente, estabelecida apenas nos cursos de gestão do ensino superior, como Administração, Economia e Contabilidade, bem como nas experiências profissionais decorrentes desses cursos (LEAL; MELO, 2008). Porém, estes autores afirmam que mesmo os indivíduos formados ou atuantes nessas áreas por diversas vezes não conseguem ter uma boa relação com suas finanças pessoais.

A presente pesquisa busca reforçar as vantagens proporcionadas pelo conhecimento acerca das finanças pessoais aos indivíduos, além de demonstrar a urgência da adoção de medidas de melhoria no sentido de orientação dos cidadãos sobre a educação financeira e o consumo consciente. Isso é corroborado por Halles, Sokolowski, e Hilgemberg (2008), ao explicar que a educação financeira é uma das ferramentas que promove o desenvolvimento econômico.

Tendo em vista o cenário apresentado, e levando em consideração o fato de que os cursos de Administração, Ciências Contábeis, e Ciências Econômicas estão ligados às finanças pessoais, surge a seguinte questão: **Qual a diferença no comportamento de controle financeiro dos estudantes da área de gestão em comparação com estudantes das demais áreas?**

Para responder o problema proposto, foi proposto como objetivo geral analisar a influência dos cursos de gestão no comportamento de controle financeiro dos estudantes de uma universidade particular do estado de Santa Catarina. O intuito foi verificar se os estudantes dos cursos da área de gestão conseguem gerir melhor seus recursos para atingir seus objetivos em função de possuírem mais contato no dia a dia com o campo das finanças. Para atingir esse objetivo, foi elaborado um questionário como instrumento de pesquisa que veio a ser aplicado de forma presencial aos discentes da referida instituição de ensino superior.

O trabalho se justifica em função das diversas notícias sobre o crescente endividamento do cidadão brasileiro e do intuito de demonstrar que um planejamento financeiro pessoal adequado colabora na obtenção de uma vida financeira mais estável, favorecendo o equilíbrio das finanças e evitando o endividamento pessoal. Dessa forma, confirmadas as expectativas da pesquisa, os resultados passam a contribuir para a sociedade, como um todo, de forma prática, uma vez que indivíduos menos propensos ao endividamento e mais conscientes acerca de seu perfil de consumo tendem a propiciar uma evolução no aspecto macroeconômico em sentido amplo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação Financeira

No Brasil, até 1994, as pessoas eram compelidas a gastar, em curto prazo, toda a sua renda, uma vez que a inflação corroía o valor do dinheiro em pouco tempo (PASTORE; PINOTTI, 1999). A economia nacional só viria a ser estabilizada a partir da implantação do plano Real, que elevou a renda das famílias em termos reais (ROCHA, 2000). Após o processo de estabilização da

economia, o acesso ao crédito no Brasil foi facilitado para a população, o que possibilitou um aumento do poder de compra, mas devido à falta de prática do planejamento financeiro pessoal, os brasileiros, em média, se endividaram. É fato que o crescimento da oferta de crédito, sem o devido controle, gera inadimplência (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007).

No contexto nacional, os principais fatores para a inadimplência do brasileiro são o desemprego (37%), a redução de renda (24%) e o descontrole financeiro (12%) (CNDL; SPC BRASIL, 2018). No mais, seis a cada dez pessoas têm pouco conhecimento sobre sua própria renda, mesmo assim, 40% ainda tomam atitudes sem pensar nas consequências (CNDL; SPC BRASIL, 2018). Para melhorar esse panorama, faz-se importante a discussão sobre a educação financeira.

Educação financeira é o meio pelo qual as pessoas melhoram sua compreensão sobre produtos financeiros e seus conceitos (OCDE, 2005). A educação financeira pode ser mensurada pelo grau de entendimento dos principais conceitos financeiros, com vista a ter confiança para administrá-los de forma apropriada nas decisões de curto e longo prazo, mesmo com mudanças nas condições econômicas (REMUND, 2010). Uma vez que sejam capacitadas e bem orientadas, as pessoas podem ter mais consciência das oportunidades e riscos que envolvem cada atitude tomada, assim contribuindo para a formação de sociedades responsáveis (OCDE, 2005).

O objetivo dessa vertente da educação é “permitir a melhora de nossa qualidade de vida, seja hoje ou no futuro, atingindo de forma inteligente nossos objetivos pessoais” (TOMMASI; LIMA, 2007, p.14). A educação financeira é, deste modo, uma ferramenta que está diretamente ligada à qualidade das decisões financeiras que as pessoas tomam, e que, conseqüentemente, impactam seus investimentos, seus níveis de endividamento e a possibilidade de inadimplência. Logo, para um bom desempenho financeiro faz-se necessário um planejamento financeiro pessoal.

“Planejamento financeiro pessoal significa estabelecer e seguir uma estratégia precisa, deliberada e dirigida para a acumulação de bens e valores que irão formar o patrimônio de uma pessoa e de sua família” (FRANKENBERG, 1999, p. 32). Estudos como o de Halles, Sokolowski e Hilgemberg (2008) apontam que um bom planejamento é essencial para controlar as finanças, auxiliando a ajustar a renda do cidadão conforme suas necessidades (GIARETA, 2011). Esse processo deve ser individual, visto que pessoas possuem estilos de vida e metas diferentes (ARCURI, 2018). No mais, o planejamento pode ser realizado com o uso de planilhas eletrônicas

ou anotações para que a pessoa se auto avalie, podendo analiticamente otimizar seus recursos (LEAL; NASCIMENTO, 2015)

O próprio Governo Federal elaborou a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) com o intuito de conscientizar e educar as pessoas sobre o bom uso do dinheiro (BACEN, 2011). Muitos brasileiros ainda não percebem a real importância do tema, já que o assunto é algo geralmente distante do seu cotidiano, porém, este cenário vem mudando a cada ano diante de novos estudos e análises (ANDRADE; LUCENA, 2018).

Uma pesquisa promovida pela *S&P Ratings Services Global Financial Literacy Survey* (Pesquisa Global de Educação Financeira da divisão de ratings e pesquisas da Standard & Poor's) (2014) e analisada pelo Banco Mundial que mediu o nível de educação financeira de 144 países, apontou que o Brasil está na 74ª posição, atrás de alguns países muito pobres e menos desenvolvidos, como Madagascar, Togo e Zimbábue.

Outro estudo, realizado pela ANBIMA (2017), afirma que 40% dos brasileiros não poupam nada, pois o dinheiro que auferem só é capaz de pagar suas despesas, enquanto outros 10% nem se preocupam em poupar, afirmando que “preferem viver o presente”. Essas pesquisas demonstram como o nível de educação financeira do brasileiro é baixo. Para reverter este cenário, se faz necessário um melhor entendimento da importância de um bom planejamento financeiro para que o cidadão brasileiro melhore sua qualidade de vida.

Assim, faz-se importante o conhecimento sobre as possibilidades de investimentos, que auxiliam no desenvolvimento financeiro. Segundo Lucci (2006), com inúmeros produtos financeiros ofertados (cartão de crédito, cheque especial, poupança, fundos de investimentos etc.), o mercado financeiro se tornou complexo demais, denotando uma exigência de certo conhecimento sobre finanças para que sejam tomadas decisões financeiras adequadas.

2.2 Tipos de Investimentos

Tão importante quanto poupar, é saber onde alocar os recursos. Independente do quanto se ganha, bons investimentos são importantes para fazer o dinheiro render o máximo possível (HALLES; SOKOLOWSKI; HILGEMBERG, 2008). “Pode-se considerar investimento qualquer aplicação que traga retorno financeiro.” (PIAIA, 2008, p. 29). O Sistema Financeiro Brasileiro (SFB) possui diversas modalidades de investimento, dentre as principais, constam:

a) Poupança: considerada um dos investimentos mais conservadores do sistema financeiro brasileiro. Cerbasi (2008) considera que a poupança é muito popular no Brasil devido a sua simplicidade e também sua previsibilidade no que tange ao rendimento, pois todos os bancos possuem a mesma taxa de rentabilidade.

b) Títulos de Renda Fixa e Certificados de Depósitos Bancários (CDB): esses tipos de investimento são considerados seguros, ou seja, de perfil conservador, para pessoas que não querem correr muito risco. Em geral, o investidor não terá surpresas negativas ao final da aplicação, pois haverá sempre uma rentabilidade garantida sobre o investimento, geralmente conhecida pelo investidor no início da operação (FRANKENBERG, 1999). Assim como a poupança, os títulos de renda fixa são protegidos pelo Fundo Garantidor de Crédito – FGC, reforçando o caráter conservador desses investimentos ao mitigar o risco do investimento.

c) Fundos de investimento: podem ser de renda fixa ou variável, representando uma forma de investimento coletivo. Eles reúnem recursos de diversas pessoas com o objetivo de obter ganhos a partir de aplicações no mercado financeiro (SOTTO-MAIOR, 2015).

d) Renda variável: nessa forma de investimento não é possível prever os lucros, como ocorre nos títulos de renda fixa, ou seja, há a incerteza de ganhos no futuro. Entende-se, portanto, que na renda variável corre-se o risco de ter perdas e ganhos (CERBASI, 2008). Porém, diante do maior risco, há também a possibilidade de maiores retornos. Cabe destacar que embora não sejam comuns, alguns CDB's assumem forma de renda variável.

Em se tratando de renda variável, tem-se que a principal forma de investimento é a compra e venda de ações no mercado de capitais, muito embora o cidadão brasileiro, em geral, não adentre nesse âmbito. Para Pereira (2010), quando um investidor aplica recursos em ações de uma empresa, ele está comprando uma parte desta empresa, ou seja, está se tornando sócio dela. Cerbasi (2008) completa isso ao explicar que investir em ações é adquirir o direito de participar dos lucros e também dos prejuízos que uma empresa pode ter.

Para gerar noções sobre o perfil do investidor brasileiro, tem-se o levantamento feito pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) em parceria com a Comissão de Valores Imobiliários (CVM, 2018). Diante de uma amostra de 680 pessoas, o estudo revelou que 69% dos entrevistados mantêm suas reservas financeiras na poupança, enquanto o Tesouro Direto e os CDB's são representados ambos com 9% das respostas.

Essa pesquisa aponta, por exemplo, que as pessoas conhecem como investimento o carro particular para uso próprio, sendo essa crença representada por 41% dos entrevistados. Achados como este corroboram com o entendimento de que o brasileiro não conhece os produtos financeiros disponíveis, diagnosticando, portanto, uma possível razão para que a poupança, mesmo tendo a menor rentabilidade, ainda seja frequentemente procurada pelos brasileiros quando se trata de investimentos.

2.3 A Educação Financeira no Ensino Superior

Conforme preconizam Savoia, Saito e Santana (2007), não há obrigatoriedade da educação financeira no sistema de ensino. O Ministério da Educação (MEC) prioriza um processo de aprendizagem multidisciplinar, incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender, visando a inserção dos estudantes na vida adulta. Diante dessa realidade, os brasileiros não adquirem o hábito de poupar, pois não foram educados na infância ou sequer na vida adulta a gerir o próprio dinheiro, já que o sistema de ensino comum não privilegia este tema (HALLES; SOKOLOWSKI; HILGEMBERG, 2008).

Alguns estudos abordam a questão da educação financeira no contexto universitário, sendo apresentados alguns deles, a seguir. Vieira et al. (2011) comparam o nível de conceitos sobre consumo, investimento e poupança entre os alunos das primeiras e últimas fases dos cursos de Administração, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis de uma universidade pública do norte do Paraná mediante uma amostra de 610 estudantes. A hipótese de que os alunos dos cursos pesquisados no último ano possuíam mais competências para reconhecer e manipular os conceitos chave de finanças do que os alunos dos mesmos cursos nas séries iniciais, não foi confirmada.

Donadio (2014) analisou a educação financeira de estudantes universitários e suas relações com variáveis psicológicas e sociológicas. A pesquisa demonstrou que as disciplinas relacionadas às finanças tinham relevância no nível de educação financeira dos estudantes. A pesquisa demonstra, também, que os alunos que tinham uma preocupação maior com o bem-estar em curto prazo detinham menor nível de educação financeira.

Rodrigues e Carvalho (2017) realizaram um estudo com os estudantes da Universidade Federal do Piauí no qual foi analisado o nível de educação financeira dos acadêmicos de Administração e Contabilidade. Por meio do estudo realizado, os autores constataram que o nível

de conhecimento financeiro destes alunos é insatisfatório, mas que a formação acadêmica em cursos de gestão, como Administração e Ciências Contábeis, gera melhorias na educação financeira dos acadêmicos. Destaca-se aqui que, diferentemente da referida pesquisa, o presente trabalho visa comparar os discentes dos cursos de gestão com os das demais áreas.

Por fim, Andrade e Lucena (2018) verificaram a relação entre o nível de educação financeira de diferentes grupos acadêmicos. Os achados apontam que a escolha do curso de graduação é estatisticamente significativa em relação ao conhecimento financeiro dos alunos, sugerindo que alunos de cursos que possuem disciplinas como economia, finanças e matemática, apresentam conhecimento financeiro superior em relação aos demais alunos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atingir os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa descritiva, das características de determinada população e o estabelecimento de relações entre variáveis (MARTINS; THEÓPHILO, 2009). Entre os procedimentos técnicos, o estudo é caracterizado como pesquisa de levantamento, tipo *survey*, caracterizada pela interrogação direta da população cujo comportamento se deseja investigar (RICHARDSON, 1999). A abordagem do problema é realizada de forma quantitativa, caracterizada pelo emprego de instrumentos estatísticos no tratamento dos dados (RICHARDSON, 1999)

A população remete aos graduandos de uma universidade particular localizada em Santa Catarina. A população inicial era de 594 respondentes, todavia, algumas observações foram eliminadas diante da ausência de respostas em todos os itens do questionário (apresentado adiante). Ao todo, ocorreram 44 eliminações, culminando em uma amostra final de 550 respondentes. Os alunos em questão eram matriculados em cursos de ciências sociais aplicadas da área de negócios (administração e ciências contábeis), além de cursos das áreas de humanas, ciências exatas e saúde. Todos os alunos estavam regularmente matriculados no primeiro semestre no ano de 2019.

O questionário, utilizado como instrumento de pesquisa, foi elaborado para identificar o nível de conhecimento dos acadêmicos em relação a educação financeira. As questões abordam temas como: noções de poupança e investimento; planejamento financeiro; e endividamento. Este questionário foi aplicado aos acadêmicos de forma presencial, com uma única vertente de identificação, o curso no qual o respondente estava matriculado. As proposições foram elaboradas

a partir do estudo de Silva, Silva Neto e Araújo (2017). O Quadro 1 apresenta as assertivas do questionário.

Quadro 1 – Questionário de Pesquisa

Bloco	Variáveis
Caracterização dos estudantes	Curso
	Fase
	Gênero
	Idade
	Número de dependentes
	Moradia
Receita	Você trabalha atualmente?
	Renda mensal pessoal
Endividamento	Você em algum momento teve seu nome negativado em algum sistema de crédito?
	Você se considera endividado?
	Qual o percentual do seu rendimento mensal está comprometido com prestações/obrigações mensais?
Poupança e Investimento	Quanto, em termos percentuais, você consegue poupar da sua renda mensal?
	Você possui alguma de investimento?
Orçamento e Controle	Anoto e controlo gastos pessoais
	Estabeleço metas financeiras
	Sigo um orçamento ou plano de gastos

Fonte: Adaptado de Silva, Silva Neto e Araújo (2017).

Com o auxílio das respostas percebidas diante do referido instrumento de pesquisa foi possível desenvolver o modelo responsável pela verificação da hipótese geral de pesquisa, qual seja:

H1: Discentes dos cursos de gestão são mais educados financeiramente que discentes de áreas não relacionadas à gestão.

Para a análise dos resultados foi feita, em primeira instância, uma verificação acerca da estatística descritiva dos blocos visando a educação financeira dos dois grupos estudados. Após a análise da estatística descritiva, foi realizada a análise fatorial para as respostas obtidas no questionário no subgrupo de orçamento e controle, já que tais respostas foram mensuradas em uma escala *Likert* de 5 pontos e, portanto, não apresentavam as propriedades métricas necessárias para a inclusão em um modelo de regressão linear.

Este procedimento, que buscou reduzir o número de itens em apenas uma unidade, foi feito sob a forma de Análise dos Componentes Principais (ACP) mediante o método de rotação *Varimax*, seguindo os critérios dispostos por Fávero et al. (2009) no que se refere às cargas fatoriais, às comunalidades (H^2), ao resultado de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), ao Teste de Esfericidade de



Bartlett, à Medida de Adequação da Amostra (MSA) e ao Alfa de Cronbach para a confiabilidade dos constructos.

Destarte, a regressão linear múltipla apresentou os resultados necessários para a verificação da hipótese de pesquisa sugerida. A Equação 1, a seguir, reporta as variáveis elencadas no modelo proposto.

$$CF = \beta_0 + \beta_1 FASE + \beta_2 IDADE + \beta_3 CURSO + \mu \quad (1)$$

Onde:

CF é a variável de resposta, representada pela Controle Financeiro;

FASE é uma variável de controle, representada pela Fase do curso em que o respondente se encontra;

IDADE é uma variável de controle, representada pela Idade em anos do respondente;

CURSO é uma variável de estímulo, representada de forma binária (*dummy*), onde assume-se valor 1 para os respondentes matriculados em cursos de administração ou ciências contábeis e valor 0 para os respondentes matriculados nos demais cursos;

β_0 é o intercepto da regressão;

$\beta_{1,2,3}$ são os coeficientes angulares da regressão;

μ é o termo de erro da regressão.

As variáveis FASE e IDADE foram tratadas como variáveis de controle na pesquisa dada a suposição de mudança no perfil de educação financeira do discente ao longo do tempo, ao passo que a *dummy* referente ao curso no qual o discente está matriculado reporta o interesse da pesquisa.

A análise fatorial foi realizada no *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS®), enquanto as estatísticas descritivas, os testes para os pressupostos básicos de regressões e o cálculo das regressões em si, se deram por meio do *software Gnu Regression, Econometrics and Time-series Library* (GRETl®). Todos os procedimentos foram realizados considerando sempre um nível de confiança de 95%.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 ESTATÍSTICA DESCRITIVA DOS RESPONDENTES

A primeira parte desta seção diz respeito às estatísticas descritivas da amostra. A Tabela 1 apresenta a população estudada na pesquisa, dividida entre os estudantes dos cursos de gestão, administração e ciências contábeis e os estudantes das demais áreas, representados por estudantes

dos cursos de arquitetura, direito, engenharia civil, fisioterapia, jornalismo, nutrição, psicologia e publicidade.

Tabela 1 – Número de alunos por grupo da amostra pesquisada

Área	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Cursos de Gestão	221	40,19
Demais áreas	329	59,81

FONTE: Dados da pesquisa.

Na Tabela 2 são demonstradas as características descritivas dos alunos dos cursos de gestão. Nota-se que a amostra contempla representantes de todas as fases dos cursos em estudo. O sexo feminino representa 54,75% do total dos estudantes de cursos de gestão, ao passo que o percentual masculino é de 45,25%. Ainda nesta tabela, é trazida a faixa etária dos estudantes dos cursos de gestão, sendo que 39,37% possuem idade entre 17 a 21 anos, 36,65% têm entre 22 a 26 anos, 15,84% alunos possuem entre 27 a 31 anos, 5,88% têm entre 32 a 36 anos e apenas 2,26% têm 37 anos ou mais. Este percentual majoritário de adolescentes e jovens de até 26 anos é próximo ao obtido em pesquisas correlatas, tais quais as de Santos, Moura e Almeida (2018) e Silveira et al. (2018).

O estado civil solteiro representa a maioria entre os respondentes (79,19%), seguido de casado (10,41%) e união estável (8,60%). Sugere-se que o estado civil solteiro pode estar atrelado a pouca idade dos respondentes. Em mesmo sentido, tem-se uma possível razão para a baixa presença de dependentes perante os respondentes, uma vez que, cerca de 86% da amostra declarou não os possuir. O perfil jovem, solteiro e sem dependentes, a princípio, sugere uma despreocupação com os gastos pessoais.

Quanto às suas respectivas moradias, os discentes afirmaram, em maioria (aproximadamente 36%), morarem com suas famílias, sem qualquer tipo de despesas nesse sentido, já outros 17,19% da amostra possuem casa própria quitada e 16,29% possuem despesas com aluguel. Uma vez mais, nota-se a possível despreocupação com despesas de caráter essencial (a exemplo da moradia) pela maior parte dos respondentes.

Foi perguntado, ainda, aos estudantes, se estavam empregados atualmente. 86,43% afirmam que sim, 13,47% não trabalham. Verificou-se a renda destes alunos, onde 42,99% ganham entre um a dois salários mínimos, seguidos de 20,81% que ganham de dois a três salários mínimos, ficando constatado que apenas 9,50% não possuem qualquer tipo de renda. Esses indicadores,

aliados aos anteriores, sugerem que eventuais endividamentos pessoais são decorrentes, de uma forma geral, da falta de planejamento financeiro, dado que parte considerável da amostra auferem algum tipo de renda mensal e, ao mesmo tempo, não possui despesas fixas.

Tabela 2 – Perfil dos estudantes de gestão

Variáveis	Categoria	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Fase	1ª a 2ª Fase	53	23,98
	3ª a 4ª Fase	31	14,03
	5ª a 6ª Fase	94	42,53
	7ª a 8ª Fase	43	19,46
Gênero	Feminino	121	54,75
	Masculino	100	45,25
Faixa Etária	17 a 21 anos	87	39,37
	22 a 26 anos	81	36,65
	27 a 31 anos	35	15,84
	32 a 36 anos	13	5,88
	37 anos ou mais	5	2,26
Estado civil	Casado	23	10,41
	Outro	2	0,90
	Separado	2	0,90
	Solteiro	175	79,19
	União Estável	19	8,60
Dependentes	Nenhum	190	85,97
	Um	18	8,14
	Dois	7	3,17
	Três	1	0,45
	4 ou mais	5	2,26
Moradia	Casa alugada	36	16,29
	Casa financiada (pagando prestações)	35	15,84
	Casa própria que está quitada	38	17,19
	Com familiares com auxílio nas despesas	34	15,38
	Com fam. sem desp. com moradia	78	35,29
Trabalha	Sim	191	86,43
	Não	30	13,57
Renda Mensal	Até um salário mínimo	30	13,57
	De um a dois salários mínimos	95	42,99
	De dois a três salários mínimos	46	20,81
	De três a cinco salários mínimos	16	7,24
	Mais de cinco salários mínimos	13	5,88
	Não possui renda	21	9,50

FONTE: Dados da pesquisa.

O mesmo questionário foi aplicado aos estudantes dos outros cursos, na Tabela 3, onde se pode verificar que cerca de 69% dos estudantes das demais áreas estão entre a primeira e segunda fase, relevando heterogeneidade dos dados nesse sentido, diferentemente do ocorrido com os discentes de cursos de gestão. Assim como no caso anterior, o gênero feminino é dominante no total de alunos, sendo representado agora por 56,84% da amostra.

Tabela 3 – Perfil dos estudantes de outras áreas

Variáveis	Categoria	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Fase	1ª a 2ª Fase	228	69,30
	3ª a 4ª Fase	76	23,10
	5ª a 6ª Fase	10	3,04
	7ª a 8ª Fase	10	3,04
	9ª a 10ª Fase	5	1,52
Gênero	Feminino	187	56,84
	Masculino	142	43,16
Faixa Etária	17 a 21 anos	152	46,20
	22 a 26 anos	83	25,23
	27 a 31 anos	43	13,07
	32 a 36 anos	30	9,12
	37 anos ou mais	21	6,38
Estado civil	Casado	35	10,64
	Outro	7	2,13
	Separado	8	2,43
	Solteiro	252	76,60
	União Estável	27	8,21
Dependentes	Nenhum	246	74,77
	Um	47	14,29
	Dois	30	9,12
	Três	3	0,91
	4 ou mais	3	0,91
Moradia	Casa alugada	70	21,28
	Casa financiada (pagando prestações)	35	10,64
	Casa própria que está quitada	81	24,62
	Com familiares com auxílio nas despesas	50	15,20
	Com fam. sem desp. com moradia	93	28,27
Trabalha	Sim	233	70,82
	Não	96	29,18
Renda Mensal	Até um salário mínimo	52	15,81
	De um a dois salários mínimos	106	32,22
	De dois a três salários mínimos	56	17,02
	De três a cinco salários mínimos	28	8,51

Mais de cinco salários mínimos	15	4,56
Não possui renda	72	21,88

FONTE: Dados da pesquisa.

Quanto a idade, os alunos das demais áreas seguem o ocorrido com os alunos dos cursos de gestão, sendo a ampla maioria representada por jovens de 17 a 21 anos (46,20%) ou entre 22 a 26 anos (25,23%).

Assim como nos cursos de gestão, o maior percentual de estado civil entre os graduandos dos outros cursos é solteiro (76,60%), além de não possuírem dependentes (74,77%). Enquanto a questão de moradia se mostrou mais homogênea, ainda que a maior parte (28,27%) siga a tendência de moradia com os familiares. Destarte, o perfil socioeconômico dos dois subgrupos amostrais, aparentemente, não influenciaria os resultados observados adiante na pesquisa. Isso se confirma na assertiva sobre o emprego, onde a maioria dos estudantes dos demais cursos também revela trabalhar atualmente (70,82%). Todavia, cabe destacar que, para este subgrupo, o percentual de respondentes com renda zero foi bem maior (21,88%).

4.2 ESTATÍSTICA DESCRITIVA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA DOS RESPONDENTES

Após a caracterização dos estudantes buscou-se relacionar questões acerca do endividamento dos respondentes. Quando questionados se já tiveram o nome negativado em algum momento, verifica-se que 27,15% dos alunos de gestão já tiveram seu nome negativado, já o percentual dos demais cursos é de 35,26%. Os números sugerem que os alunos do curso de gestão apresentam um melhor histórico quanto ao acúmulo de dívidas. Os dados são corroborados pelas respostas dos alunos se esses se consideram ou não endividados (autoavaliação). Dos respondentes, 16,74% dos estudantes dos cursos de gestão consideram-se endividados, já 28,57% dos graduandos de outras áreas afirmam estarem endividados.

Além da percepção dos próprios alunos, foi questionado o percentual da renda que está comprometida pelos respondentes. Dos estudantes de cursos de gestão, 27,60% afirmam ter de 1% a 30% da sua renda comprometida, 39,82% consideram ter de 31% a 60%, 19,46% responderam que têm de 61% a 90%, já 13,12% dizem ter de 91% a 100%. Os alunos das demais áreas responderam com os seguintes percentuais: 34,95% (1% a 30% da renda comprometida); 32,83%

(31% a 60% da renda comprometida); 17,93% (61% a 90% da renda comprometida); e 14,29% (91% a 100% da renda comprometida).

A análise mostra que o percentual de comprometimento da renda, tanto dos estudantes dos cursos de gestão, quanto das demais áreas, é similar, embora tenha ocorrido uma maior disparidade de resultados na primeira (1% a 30%) e na segunda faixa (31% a 60%). Pode-se considerar, a princípio, que os alunos dos cursos de gestão estão mais endividados do que os alunos dos demais cursos, pois 72,40% deles estão com a renda comprometida em mais de 30%, contra 65,05% dos alunos dos demais cursos. Destaca-se ainda que mesmo com um maior percentual de respondentes com mais de 30% de sua renda comprometida, os alunos de gestão não se consideram endividados, sendo essa percepção possivelmente real, já que estes respondentes apresentaram um menor percentual de indivíduos com o nome negativado.

Sobre reservas de emergência, foi perguntando aos alunos quanto tempo conseguiriam se manter caso tivessem perdido sua renda. Em ambos os cenários há uma aparente dependência de uma única fonte de renda, já que dentre os estudantes de gestão, cerca de 47,5% afirmam não ter reservas, enquanto isso ocorre para cerca de 50% dos estudantes dos demais cursos. Junto a isso, foi questionado o percentual de poupança que os respondentes conseguem salvar. Os resultados entre os discentes de cursos de gestão e discentes de outros cursos são próximos, não denotando qualquer tipo de características especiais de cada subgrupo.

Em termos descritivos, foi questionado aos respondentes, por fim, que tipo de investimento possuem, caso possuíssem algum. Foram considerados produtos como poupança, CDB, ações, fundos de investimento, títulos públicos e, ainda, incluída a opção “outros” no questionário. Nessa assertiva os estudantes poderiam marcar mais de uma opção caso possuíssem mais de um investimento. A Tabela 4 apresenta os tipos de investimentos dos estudantes.

Tabela 4 – Investimento dos Estudantes

Investimento	Cursos de Gestão		Demais Cursos	
	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Ações	11	4,42%	5	1,46%
CDB	8	3,21%	5	1,46%
Fundo de Investimento	11	4,42%	13	3,79%
Outros	25	10,04%	25	7,29%
Títulos Públicos	3	1,20%	3	0,87%
Não possuo investimento	94	37,75%	148	43,15%
Poupança	97	38,96%	144	41,98%

Total	249	100%	343	100%
--------------	------------	-------------	------------	-------------

FONTE: Dados da pesquisa.

Dos alunos dos cursos de gestão, 62,25% afirmam ter algum tipo de investimento entre os citados acima. Já entre os estudantes de outras áreas, 55,02% declaram possuir investimentos. Apesar de boa parte dos estudantes informarem possuir algum tipo de investimento, se constatou que apenas 23,29% dos alunos de gestão possuem investimentos além da poupança. Os números são ainda inferiores nos acadêmicos dos demais cursos, no qual apenas 14,87% possuem outras formas de investimentos. Tal análise corrobora com a afirmação de Cerbasi (2008), quando diz que a poupança é o investimento mais popular no Brasil.

Os dados apresentados pelos estudantes apontam o quanto estes são conservadores quanto aos seus investimentos. Os números ficam ainda mais evidentes ao buscar os estudantes que fazem investimentos em ações, havendo pouca popularidade dessa forma de investimento na amostra estudada (4,42% para estudantes de gestão e 1,46% para os demais). Cabe ressaltar que uma parte da amostra observada não possui renda, o que implica em uma não possibilidade de investimentos de qualquer natureza.

4.3 ANÁLISE FATORIAL E TESTE DE HIPÓTESE

Dando continuidade aos procedimentos metodológicos elencados previamente, são apresentados na Tabela 5 os resultados da análise fatorial realizada para os 3 constructos acerca do Controle e Orçamento, dispostos no questionário da pesquisa, quais sejam: (I) anoto e controlo gastos pessoais; (II) estabeleço metas financeiras; (III) sigo um orçamento ou plano de gastos. Ressalta-se que este procedimento foi feito visando reduzir a escala de variáveis, unificando as variâncias dos referidos constructos em uma única variável com propriedades métricas para o devido tratamento durante a análise de regressão.

Tabela 5 – Análise fatorial dos constructos

Constructo	Questão	Fator	H²	MSA	KMO	Teste de Bartlett	Alfa de Cronbach
Controle e Orçamento	CF1	0,832	0,693	0,731	0,705	X ² =534,957 Sig=0,000	0,804
	CF2	0,839	0,704	0,720			
	CF3	0,873	0,762	0,671			

FONTE: Dados da pesquisa.

Legenda: H^2 = Comunalidades; MSA = Análise de matriz de anti-imagem; KMO = teste de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin.

O procedimento foi considerado adequado a partir do aceite dos critérios mínimos estabelecidos por Fávero et al. (2009) para todos os referidos itens. Com isso, a variável CF pôde ser adotada como variável de resposta na Equação 1. Os resíduos da Equação 1, por sua vez, não apresentaram características de normalidade, dado que o p-valor obtido no teste Jarque-Bera foi $< 0,000$. Todavia, considerando o tamanho da amostra ($n = 550$) e o Teorema do Limite Central, este pressuposto pôde ser relaxado (GUJARATI; PORTER, 2011).

Já no que diz respeito à condição de homocedasticidade, o teste de Breusch-Pagan reportou um p-valor aproximado de 0,004. Sendo assim, a hipótese nula do referido teste não foi aceita, indicando problemas de heterocedasticidade. Foi adotada a correção de White como medida de ajuste para tal resistência. Por fim, os Fatores de Inflação da Variância (FIV) das variáveis independentes foram de: FASE (1,408); IDADE (1,035); CURSO (1,380). Destarte, considerando que os valores são inferiores a 10 unidades, tem-se que não há problemas de multicolinearidade conforme Gujarati e Porter (2011). Dado isso, são apresentados, a seguir, os resultados da Equação 1, na Tabela 7.

Tabela 7. Análise de regressão.

Painel A				
	Coefficiente	Erro Padrão	razão-t	p-valor
Intercepto	-0,0159235	0,177963	-0,08948	0,9287
Fase	0,0197455	0,0191195	1,033	0,3022
Idade	-0,00678245	0,00721822	-0,9396	0,3478
Curso	0,297434	0,0942005	3,157	0,0017
Painel B				
R²	0,032249		R² ajustado	0,026932
F (3, 546)	6,394331		p-valor (F)	0,000291

FONTE: Dados da pesquisa.

Nota-se que o modelo como um todo é estatisticamente significativo, visto que o p-valor (F) é $< 0,05$. Ademais, tem-se que o modelo apresenta capacidade preditiva de cerca de 3,2% (R^2).

A variável Fase apresenta um p-valor de 0,3022, demonstrando que essa variável não possui influência sobre o nível de educação financeira dos alunos. Essa análise reforça o estudo de Vieira et al. (2014), quando verificaram que o nível de conhecimento de conceitos de finanças entre os alunos das primeiras e últimas fases dos cursos de Administração, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis se equiparava. Em relação a variável Idade, o p-valor foi de 0,3478, ou seja, a idade

também não influencia no entendimento sobre finanças dos estudantes. Isso sugere uma inexistência de impacto na educação financeira em função do amadurecimento do discente ao longo dos anos, coadunando com o resultado anterior percebido na variável Fase.

Em contrapartida, a terceira variável, que representa o interesse da presente pesquisa, aponta para uma significância de 1%, indicando que o curso exerce influência no nível de educação financeira dos graduandos. O sinal positivo desse coeficiente sugere que, para a amostra obtida, estar matriculado em um dos cursos de gestão favorece o comportamento de controle financeiro do discente. Destarte, tem-se que a H1 não pode ser rejeitada.

Este resultado corrobora com o estudo de Andrade e Lucena (2018), apontando que os conhecimentos adquiridos nos cursos de gestão influenciam em um melhor comportamento de controle financeiro. Contudo, conforme apontam Rodrigues e Carvalho (2017), cabe destacar que, ainda assim, o nível de conhecimento dos alunos sobre o tema é insatisfatório, visto que uma parcela significativa destes investem apenas em poupança ou não têm investimentos; não possuem reserva de emergência; têm boa parte da renda comprometida; e não tem adequada noção de endividamento pessoal. Além disso, em alguns quesitos, como por exemplo, na questão de noção de endividamento os demais cursos demonstraram um melhor desempenho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tantas reportagens sobre o crescimento do endividamento dos brasileiros, faz-se importante adotar medidas, tanto por parte do poder público quanto de empresas privadas, com foco em orientar as pessoas na gestão de seus recursos. O presente estudo trouxe o tema educação financeira como objetivo central, trazendo conceitos sobre o assunto, apresentando um breve panorama da situação econômica do cidadão brasileiro e a importância de disseminar esse tema no meio acadêmico. Considerando a situação evidenciada, foi considerada uma amostra seccionada em dois grupos: cursos de gestão e demais cursos, sendo ambos discentes de uma mesma universidade particular de Santa Catarina.

Um questionário contendo perguntas de características descritivas e comportamento financeiro foi aplicado aos alunos para alcançar o objetivo da pesquisa visando elaborar uma análise comparativa. Com base nos dados coletados e nas análises realizadas, foi possível verificar o perfil socioeconômico e demográfico desses alunos, além de perceber as noções destes acerca de

itens específicos sobre educação financeira. Diante da análise de regressões foi verificada a significância em termos estatísticos da variável CURSO, denotando uma maior sapiência no que se refere ao controle financeiro por parte de discentes matriculados em cursos de gestão. Este resultado segue o esperado pela pesquisa, não sendo possível, portanto, refutar a H1 proposta.

A principal contribuição deste estudo, portanto, foi confirmar empiricamente a tendência de que o envolvimento – em termos teóricos e/ou práticos – dos indivíduos com a temática da educação financeira tende a gerar melhores resultados em quesitos como controle dos gastos pessoais, noções acerca de endividamento, etc.

O estudo apresenta limitações quanto a sua amostra, já que estudantes do período matutino não foram inclusos, bem como os de outros polos da instituição de ensino em questão. Assim, a realidade apresentada neste estudo pode não ser homogênea em toda a universidade, bem como, evidentemente, pode não representar a veracidade de discentes em distintas regiões demográficas. Destarte, não cabe qualquer tipo de generalização diante dos resultados aqui auferidos.

Diante disso, uma sugestão para de futura pesquisa seria a averiguação das possíveis discrepâncias entre os discentes matriculados em cursos matutinos e vespertinos, uma vez que há uma sugestão teórica de diferenças em termos de renda mensal, número de dependentes, idade, etc. Outra possibilidade de estudo seria utilizar a mesma *survey* em cursos de gestão de universidades particulares e públicas, visando identificar possíveis disparidades entre os discentes destas unidades.

REFERÊNCIAS

ANBIMA. **O raio x do investidor brasileiro**. Disponível em: <https://cointimes.com.br/wp-content/uploads/2018/08/Relatorio-Raio-X-Investidor-PT.pdf>. Acesso em 06 jul 2019, 2017.

ANDRADE, J. P.; LUCENA, W. G. L. EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UMA ANÁLISE DE GRUPOS ACADÊMICOS. **Revista Economia & Gestão**, v. 18, n. 49, p. 103-121, 2018.

ARCURI, Nathalia. **Me poupe!: 10 passos para nunca mais faltar dinheiro no seu bolso**. Sextante, 2018.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF)**. Disponível em:

<https://www.bcb.gov.br/acessoinformacao/legado?url=https:%2F%2Fwww.bcb.gov.br%2Fpre%2Fpef%2FPORT%2Fenef.asp>. Acesso em 21 jun 2019, 2011.

- BANCO CENTRAL DO BRASIL . **Série Cidadania Financeira Estudos sobre Educação, Proteção e Inclusão**. Disponível em:
https://www.bcb.gov.br/nor/relinefin/serie_cidadania_financeira_pesquisa_infe_br_%200443_2017.pdf. Acesso em 19 jun 2019, 2017.
- BRITO, L. S.; BAPTISTA, J; SILVA, S.; BRAZ, S.; HENRIQUE, M. A importância da educação financeira nos contextos acadêmico e profissional: um levantamento de dados com alunos universitários. In: IX Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia – SEGeT, IX, 2012. **Anais...** Resende, 2012.
- BRYMAN, Alan. **Research methods and organization studies**. Routledge, 2003.
- CERBASI, Gustavo. **Investimentos inteligentes**. Thomas Nelson Brasil, 2008.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES LOJISTAS (CNDL); Serviço De Proteção Ao Crédito Do Brasil (SPC Brasil). **Cenário da Poupança e dos Investimentos dos Brasileiros**. Disponível em:
<http://www.cvm.gov.br/export/sites/cvm/menu/investidor/estudos/pesquisas/20181002_estudo_spc_cenario_da_poupanca_e_dos_investimentos_dos_brasileiros.pdf. Acesso em 16 jul 2019, 2018.
- DONADIO, R. **Educação financeira de estudantes universitários: uma análise dos fatores de influência**. Tese (Doutorado em administração) – Universidade Nove de Julho. São Paulo, p. 148. 2014.
- FÁVERO, L. P. L.; BELFIORE, P. P.; SILVA, F. L. D.; CHAN, B. L. **Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões**. 2009.
- FRANKENBERG, L. **Seu futuro financeiro: você é o maior responsável**. Gulf Professional Publishing, 1999.
- GIARETA, M. **Planejamento Financeiro Pessoal: Uma proposta de controle de fluxo de caixa para orçamento familiar**. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação (Especialista em Gestão de Negócios Financeiros) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 45. 2011.
- GUJARATI, D. N.; PORTER, D. C. (2011). **Basic econometrics**. Boston, Mass: McGraw-Hill, 2011.
- HALLES, C. R.; SOKOLOWSKI, R.; HILGEMBERG, E. M. O planejamento financeiro como instrumento de qualidade de vida. **I Seminário de Políticas Públicas no Paraná: Escola do Governo e Universidades Estaduais**. Curitiba, 2008.
- KIYOSAKI, R. T.; LECHTER, S. L. **Pai rico pai pobre**. Rio de Janeiro: Campus. 2000.

LEAL, C. P.; NASCIMENTO, J. A. R. Planejamento financeiro pessoal. **Revista de Ciências Gerenciais**, v. 15, n. 22, 2015.

LEAL, D. T.; MELO, S. A contribuição da Educação Financeira para a formação de Investidores. In: Congresso UFSC de Controladoria e Finanças & Iniciação Científica em Contabilidade, 2., 2008. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis. 2008.

LUCCI, C. R.; ZERRENNER, S. A.; VERRONE, M. A. G.; SANTOS, S. D. A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. In: Seminários em Administração, IX., 2006. São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2006.

MARTINS, G. D. A.; THEÓPHILO, Carlos Renato. Metodologia da investigação científica. **São Paulo: Atlas**, p. 143-164, 2009.

OCDE - Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Improving financial literacy: analysis of issues and policies**. Disponível em: <https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/improvingfinancialliteracyanalysisofissuesandpolicies.htm>. Acesso em 29 mai 2019, 2005.

PASTORE, A. C.; PINOTTI, M. C. Inflação e Estabilização: Algumas Lições da I Experiência Brasileira. **Revista Brasileira de Economia**, v. 53, n. 1, p. 3-40, 1999.

PEREIRA, D. J. **Finanças pessoais: estratégias de investimentos**. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação (Especialista em Finanças) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 52. 2010.

PIAIA, C. F. **Finanças pessoais: estratégias de investimentos**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (Bacharel em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 78. 2008.

REMUND, D. L. Financial literacy explicated: The case for a clearer definition in an increasingly complex economy. **Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 276-295, 2010.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, S. **Pobreza e desigualdade no Brasil: o esgotamento dos efeitos distributivos do Plano Real**. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2365/1/TD_721.pdf. Acesso em 17 mai 2019, 2000.

RODRIGUES, I. M. S.; CARVALHO, H. A. (2017). Gestão Financeira Pessoal: Uma análise sobre educação financeira com acadêmicos de administração e contabilidade. In: Congresso de Administração Sociedade e Inovação – CASI, X., 2017. Petrópolis. **Anais...** Petrópolis, 2017.

SANTOS, E. A.; MOURA, I. V.; ALMEIDA, L. B. Intenção dos Alunos em seguir carreira na área de Contabilidade sob a Perspectiva da Teoria do Comportamento Planejado. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)**, v. 12, n. 1, 2018.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração pública**, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, 2007.

SILVA, J. G.; SILVA NETO, O. S.; ARAÚJO, R. C. C. Educação financeira de servidores públicos: hábitos de consumo, investimento e percepção de risco. **Revista Evidenciação Contábil & Finanças**, v. 5, n. 2, p. 104-120, 2017.

SILVEIRA, T. S.; CASAGRANDE, M. C.; BATISTA, T. C.; MARÇAL, R. R. Ética Profissional: Um estudo sobre a percepção dos alunos de Ciências Contábeis da UFRJ. **Revista de Contabilidade e Gestão Contemporânea**, v. 1, n. 2, p. 106-125.

SILVESTRE, A. L. **Análise de dados e estatística descritiva**. Escolar editora. 2007.

SOTTO-MAIOR, F. 2015. **Fundos de Investimento: o que são**. Disponível em: <https://verios.com.br/blog/fundos-de-investimento-o-que-sao/>. Acesso em 23 de jul. 2019.

SPC BRASIL; Confederação Nacional dos Dirigentes Lojistas. 2018. **Além dos efeitos da crise, descontrole financeiro está entre principais causas da inadimplência no país**. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/5233>. Acesso em 21 de jul. 2019.

STANDARD & POOR'S. 2019. **S&P Ratings Services Global Financial Literacy Survey**. Disponível em: https://gflec.org/wp-content/uploads/2015/11/3313-Finlit_Report_FINAL-5.11.16.pdf?x37611. Acesso em 14 de ago. 2019.

TOMMASI, A.; LIMA, F. **Viva Melhor Sabendo administrar suas finanças**. Editora Saraiva. 2007.

VIEIRA, S. F. A; BATAGLIA, R. T. M; SEREIA, V. J. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. **Revista de Administração**, v. 9, n. 3, p. 61-86, 2011.